

Estudos do Espiritualismo Ecumênico Universal



Guerreiros da paz – volume 7

Loucura, maledicências,
raiva e impor limites

Este livro contém textos transcritos de palestra espiritual realizadas por incorporação pelo amigo espiritual JOAQUIM DE ARUANDA.

Texto organizado por FIRMINO JOSÉ LEITE, MÁRCIA LIZ CONTIERI LEITE

ESPIRITUALISMO ECUMÊNICO UNIVERSAL

R. Pedro Pompermayer, 13 – Rio das Pedras – SP

(19) 3493-6604

WWW.meeu.com.br

Janeiro – 2015

“Assim, quando o corpo mortal se vestir com o que é imortal e quando o que morre se vestir com o que não pode morrer, então acontecerá o que as Escrituras Sagradas dizem: a morte está destruída; a vitória é total” (Paulo – Carta aos Coríntios 1 – Capítulo 15 – versículo 54).

Índice

Loucura e transtornos mentais	9
1. O doente mental	9
2. O certo das coisas	10
3. Relacionando-se em paz	11
4. O amor supera tudo	12
Maledicências	15
Acessos de Raiva	17
5. A raiva e emoções menores	17
6. Trancado a sete chaves	18
Como impor limites à criança sem condicioná-las no certo ou errado	20
7. Limitar, sem gerar conceitos	20
8. Orientar filhos	21
9. Orientando os filhos e mantendo a paz	22
10. Orientação e experimentação	23
11. Aceitação dos diferentes	25
12. Falando sobre orientar filhos	28

Loucura e transtornos mentais

1. O doente mental

Participante: sou casada com um bipolar e isso está destruindo a nossa família

Que grande tema. Já falamos sobre deficiência mental; agora vamos falar sobre convivência com a deficiência e a ideia de que o fato do outro ter essa situação pode destruir a vida.

Como já falamos quando abordamos a respeito da doença mental, essas 'doenças' nada mais são do que formas de viver a realidade. Cada deficiência mental é uma forma diferente de ver o mundo. No exemplo que é dado, o bipolar, é uma mente humana que nos faz viver realidades na euforia e em seguida na depressão.

O que é o esquizofrênico? Alguém que vive em outra realidade. As deficiências ou os problemas mentais nada mais são do que formas diferentes de ver uma realidade, de viver uma realidade.

Mas, se pararmos para pensar, não existem duas pessoas que vivam as realidades da mesma forma. Se dez pessoas verem

uma cena, teremos a narrativa de dez realidades diferentes. Então, se compreendemos que o doente é quem vive numa realidade diferente, todos são, porque todos possuem uma forma de ver diferente as realidades.

Isto é importante para se lidar com aqueles aos quais são atribuídas deficiências ou doenças mentais. Aqueles que são classificados como doentes mentais. Saber que eles não são doentes, mas apenas consciências que possuem uma visão diferente das coisas.

Este é o caminho que o guerreiro da paz precisa trilhar. Porque quando o trilha, não há choque entre as realidades criadas pelas razões.

2. O certo das coisas

Hoje, uma pessoa nos diz que convive com o marido e que por causa da doença dele, está tendo problemas no casamento. Será?

Será que é a doença do marido que está trazendo problemas? Será que é a visão da realidade dele que gera problemas? Ou será que o fato dela não aceitar a visão dele? Será que não é o fato dela se achar sã e por isso imaginar-se certa na interpretação das coisas?

Repare na diferença das coisas. O ser humano gosta de jogar a culpa em todos. Gosta muito de dizer que todos estão errados e só ele está com o passo certo. Por causa disso acha que todos os problemas da sua vida surgem porque o outro agiu, viveu, pensou, de forma diferente.

É aí que surge o problema. Ele não está na forma que o outro faz ou age. O problema surge em você quando chama de errado o jeito do outro ser.

É isso que o guerreiro da paz compreende. Como já falamos no início, ninguém pode lhe roubar a paz: você só pode perdê-la para seus inimigos internos.

Você só perde sua paz para o seu saber qual é o certo e o que deve ser feito. Você não perde a paz porque o outro vive de outro jeito, mas sim porque sabe que o jeito do outro viver é errado.

Isso não é novidade nessas nossas conversa. Estou falando em relacionamentos entre pessoas que não são classificadas como doentes e que imagina que devam se mudar, que a perda da paz só acontece porque você quer saber o certo. Porque quer que elas se mudem. Imagine, então, no relacionamento com aqueles que são declaradamente doentes? Com aqueles que imagina que não podem se muda, porque são doentes.

O desapego ao seu 'certo', ao seu 'saber', pelo amor que tem a uma pessoa que sabe que não pode ser diferente, deveria ser maior ainda, não? O amor, atenção, cuidado, respeito por quem classifica como doente deveria ser o suficiente para acabar com os problemas que aparentemente surjam por causa desta relação.

3. Relacionando-se em paz

É isso que o guerreiro da paz compreende. Ele entende que não há ninguém doente, mas que cada um pensa diferente. Compreende que precisa, se quer ter a paz, vencer seus inimigos internos. Compreende que para essa vitória tem que abrir mão dos valores que a mente cria para a ação do outro. Esse é o trabalho para se ter paz

Trabalhar pela paz não é algo que deva ser realizado meditando. É um trabalho que você precisa fazer em si mesmo para se libertar dos valores que a mente aplica ao que os outros fazem ou são.

Lembrando do início de nossa conversa, é um trabalho de libertação do general, dos oficiais e dos soldados que insistem em lhe tirar a paz. É um trabalho que precisa se fazer sobre essas coisas para eliminar a raiz do sofrimento que está dentro de si e não no outro.

É este o reconhecimento primário que você precisa ter para esta ou qualquer outra convivência. Para qualquer outro momento onde haja um atrito entre você outra pessoa.

Aquele que quer paz acaba, em si, com aquilo que o leva a entrar em atrito com o outro. Não importa se ele é doente ou saudável. O guerreiro da paz deve estar sempre trabalhando em si.

Com relação àqueles que são classificados como doentes é que eu coloco este adendo. Se há um amor envolvido no relacionamento, se há uma amizade ou uma camaradagem ou qualquer coisa nesse sentido, a doação da razão, a luta contra o seu inimigo interno deveria ser mais acirrada para que o amor continue existindo.

Quem não luta para estar em paz com aquele que pensa diferente vai viver eternamente em guerra. Vai ser flechado por mágoas constantemente e jamais terá paz.

4. O amor supera tudo

Participante: percebi que essa intenção de consertar o mundo é egoísmo. É querer impor o seu certo, é hipocrisia. A única coisa que tenho feito é reparar nessas proposições da mente e tentar não me enredar nas historinhas e sonhos que ela apresenta. Às vezes é difícil apenas observar isso sem se envolver, causa uma certa aflição ...

Qual seria o sofrimento de quem convive com uma pessoa que possui uma doença dita mental? Por exemplo o caso do bipolar? Querer sair e não poder, poder conviver mais com as

peessoas. Quem tem alguém com essa doença fica com medo do outro agir de uma forma estranha e as pessoas repararem. Por isso evita o contato com outras pessoas.

Pode ser ainda que por causa da doença o outro vira a cara para você em determinados momentos. Pode haver outros em que responde com mais aspereza, que não trata com carinho. Mas, querer que aconteça o que você quer não é egoísmo?

Ou seja, todos os contratempos que podem ser causados por uma pessoa com doença bipolar estão fundamentados no egoísmo. Em um querer individual, em uma busca de satisfação individual.

Agora, se está nessa relação se imagina que haja amor, não? Será que o seu amor por ele não suplanta essas decepções? Será que seu amor não é suficiente para entender que ele possui uma forma de ver diferente?

É isto que estou querendo levar a vocês. Quando nos relacionamos com alguém que pensa diferente, por motivo de doença ou não, precisamos ter muito cuidado em usar armas para vencer a condição de atrito.

Se você gosta de uma pessoa, para que vai discutir com ela para provar que alguma coisa está certa? Se convive com uma pessoa numa relação amorosa, para vai insistir que ela mude? É isso que estou querendo que vocês pensem.

Vocês falam e enchem a boca a respeito de amar: '*eu amo tal pessoa*' ... Mas, que amor é esse que precisa que o seu individualismo seja satisfeito para que exista? Saiba que quando critica e diz que tem problemas por causa do que o outro faz, não está amando.

Esse é um ponto que precisam parar para pensar. É muito fácil dizer: '*eu amo meu filho, eu amo meu marido, eu gosto de tal pessoa*'. É muito simples dizer isso. Quero ver é se esse amor continua presente na hora que a pessoa, por qualquer motivo, lhe contraria.

Saiba que se houver contrariedade, não há amor. Se houver chateação, não há amor. O amor não aceita essas coisas. O amor é calmo, tem paciência.

É isto que precisam para parar de se iludir e dizer que amam alguém. Para existir amor tem que haver doação. Principalmente no que diferencia você do outro. A doação dessa diferença é que vai lhe dizer se você está amando ou não.

Quando ela aparecer, se conseguir suplantar, há amor. Se não consegue suplantar, não há amor algum.

Participante: minha intencionalidade é que não tenha mais nada de ruim nesta vida, ou seja, que no futuro não tenha mais do que reclamar. Como fica isso?

Você sempre vai ter do que reclamar. Se não quer reclamar de nada, vai reclamar de tudo.

Não tenha intencionalidade. Viva tudo o que vier sem julgar se é bom ou mal. Quando chegar cada momento, liberte-se de qualquer intencionalidade. Não tenha intencionalidade prévia, senão ela vai agir no momento e você sofrerá.

Maledicências

Participante: como não perder a paz quando alguém fala mal de você?

A resposta é muito simples: não querendo que alguém fale bem. Não esperando que alguém fale bem de você.

Você não sofre pelo que o outro fala; sofre porque não queria que o outro falasse aquilo, porque queria que ele falasse coisa diferente. Porque acha que aquilo que o outro falou está errado ou é mentira. É isso que acaba com a sua paz, aquilo que é fruto dos seus inimigos internos, não o que o outro faz.

Por isso, é preciso superar o seu desejo de que o outro fale bem de você ou que pelo menos cale a boca. Só que se ele calar, você ainda vai reclamar, porque no fundo, no fundo, todo ser humano quer um elogio, quer o reconhecimento.

O guerreiro da paz, quando alguém fala mal dele, cria uma fofoca ou emite uma opinião que aparentemente não é verdadeira, não se preocupa em consertar ou desmentir o que o outro falou. Isso é algo que ele não se preocupa, pois sabe que tais atitudes são de guerra. Não uma guerra pela paz, mas para vencer, ganhar, para derrotar o outro.

Portanto, é muito simples lidar quando alguém fala mal de você: não queira que ele fale bem, aceite o que fala. Aceitando não como verdade, mas por saber que o outro tem o direito de falar ...

O outro tem o direito de pensar o que quiser. Tem até o direito de inventar coisas que você não fez. Sabe por quê? Porque ele é livre, tem o direito de ser, estar e fazer o que quiser.

É assim que trabalha o guerreiro da paz quando alguém fala mal dele.

Acessos de Raiva

5. A raiva e emoções menores

Participante: como não perder a paz até chegar ao ponto de ter acessos de raiva.

O que é acesso de raiva, o que é ter raiva?

A raiva é um estado de espírito que é alcançada por uma contrariedade muito grande. Quando alguém fala alguma coisa que lhe contraria, não de forma profunda, causa mágoa, frustração, incômodo. Já o acesso de raiva só vem quando a contrariedade é muito grande.

Participante: há alguma diferença entre a contrariedade pequena e a contrariedade grande? Se o trabalho para combater as contrariedades pequenas é lutar contra os seus inimigos internos, será que é esse mesmo trabalho para combater as contrariedades mais fortes?

Sim, é, mas com um detalhe. Onde está o forte da contrariedade? Onde está o que transformou em acesso de raiva o

que poderia ser apenas uma mágoa? O seu apego à raiz do sofrimento. No seu apego a determinados assuntos, determinadas verdades, determinadas questões.

Vou dar um exemplo. Se você é machista fortemente e alguém lhe chamar de 'bicha', terá raiva. Sendo masculino, mas não machista, pode sentir-se ofendido, magoado ou pode até brincar com aquela afirmação.

É essa a diferença. O apego que tem a alguma coisa é que faz que determinadas maledicências sejam respondidas com raiva e outras respondidas apenas com mágoa, frustração ...

O guerreiro da paz reconhece a diferença entre uma mágoa, uma frustração e uma raiva. Entende que a diferença está não só no combater o inimigo que serve como raiz da contrariedade, mas que também precisa ser feito um trabalho maior, que é o desapego daquilo que levou ao acesso de raiva. A libertação da importância que aquilo tem para ele. Falo assim porque o apego a uma coisa é dar importância muito grande a essa coisa.

6. Trancado a sete chaves

Já falamos sobre isso. Falamos sobre apegos a pessoas queridas. O apego existe quando se tem uma importância muito grande para alguma coisa. É essa importância que acaba lhe levando a ter um desgosto maior em alguns assuntos do que em outros.

Ter essa consciência faz o guerreiro da paz também compreender outra coisa: a busca da libertação daquele elemento é muito mais importante e primordial do que do outro. Quando se fala em desapego, vocês aceitam se desapegar de determinadas coisas. Trabalham para a realização desse desapego. Só que há outras que você tranca a sete chaves para que ninguém ponha a mão.

Esse é um ponto que o guerreiro da paz tem muito claro: por mais que lute para se desapegar de algumas coisas, ele sempre tem dentro de si coisas trancadas, guardadas a sete chaves e que protege muito. Este reconhecimento é muito importante para o trabalho da paz, pois as coisas protegidas são inimigos muito fortes. Por isso precisarão de um trabalho muito grande de libertação. São coisas, que, diferente do que imaginam, têm que ser tratadas prioritariamente e não deixadas para depois.

Como vocês, seres humanos, querem sempre vencer e de preferência sem muita batalha, fazem o trabalho de busca de libertação das coisas que dão menos importância. Agindo assim acham que estão ganhando. Só não veem que com isso estão empurrando a sujeira principal para debaixo do tapete. Estão nutrindo inimigos que vão agir e contra os quais não terão armas para lutar.

O guerreiro da paz sabe disso. Por isso, por mais que doa perder coisas, esses apegos são os primeiros inimigos que ele ataca.

São aquelas convicções profundas. Estou falando do que aprendeu na escola, com sua mãe, do que a sociedade diz que é sagrado e religioso. Da sua curiosidade.

‘Eu sou um ser humano, sou curioso por natureza’. Este é o grande inimigo que vai lhe fazer contrariar fortemente. Precisa ser atacado de início. Se esse inimigo for contrariado, muito mais do que perder a paz, vão ter acesso de raiva. Podem, até, entrar em depressão.

Portanto, diferente do que fazem na limpeza dos seus armários – só pegam aquilo que não querem mais para jogarem fora – o trabalho da libertação para viver em paz começa se jogando fora aquilo que você acha extremamente importante. Aquilo que acha que não pode viver sem, que é imprescindível. Aquilo que acha que possui bases sólidas, que tem argumentos profundos.

É por aí que o guerreiro da paz começa o seu trabalho para viver em paz.

Como impor limites à criança sem condicioná-las no certo ou errado

7. Limitar, sem gerar conceitos

Vamos começar esse tema por um ponto: é preciso impor limites às crianças? Eu responderia que sim.

‘Ah, Joaquim você não fala em liberdade? Você não fala que é preciso dar liberdade ao outro de ser, estar e fazer o que quiser?’ Sim, eu digo isso, mas ao mesmo tempo digo que é necessário impor limites às crianças, porque essa é a função do pai e da mãe.

Um pai e uma mãe existem para que trabalhando junto à criança ou ao espírito encarnado enquanto criança, construir um mundo mental que mais tarde vai servir de provação, de libertação àquele. Sendo assim, a função do pai e da mãe é exatamente a de impor limites. É dizer: *‘olha, não vai por ali, porque aquele caminho é perigoso’, ‘não faça isso, porque se fizer terá aquele destino’, ‘não toque aqui, porque se tocar vai queimar a mão’.*

Essa é a função do pai e da mãe. Ao agir assim, eles vão construindo um mundo mental no filho. Essas informações vão sendo absorvidas pela mente estabelecendo verdades que mais tarde vão servir de provas.

Então, sim, é preciso que pai e mãe imponham limites. Mas, a questão não para só em impor ou não limites. Há a questão da geração do certo e errado. Eu afirmo que os pais devem impor limites aos filhos, mas sem levar a criança à formação de conceitos certo ou errado sobre as coisas. Vamos entender isso ...

Quando é que você transmite ao seu filho o conceito de certo ou errado? Quando diz: *'fazer isto é errado', fazer assim é certo'*. Isso não deve ser feito, pois gera um código que servirá futuramente para julgamento dos outros.

Portanto, se você não classificar o limite que está impondo como o certo ou o errado, estará impondo limites sem formar nos seus filhos os conceitos que mais tarde o fará quebrar os ensinamentos dos mestres.

Reparem nos exemplos que usei antes. Impus um limite (não vá por aí) e mostrei um novo caminho, tudo sem dizer que um caminho era o certo e o outro o errado. Criei limites para um filho sem classificar nada como certo ou errado, nem o próprio caminho. Quando disse que o caminho era perigoso, não disse que era errado: apenas mostrei uma probabilidade do final daquele caminho.

Se uma pessoa no mundo de hoje anda de madrugada na rua, está sujeita a acontecer determinadas coisas. Isso é uma probabilidade que pode ser abordada na limitação que os pais impõem. Não é ensinar ao filho que é errado ficar na rua à noite, mas que fazer isso pode leva-lo a determinadas consequências.

8. Orientar filhos

Isso é a orientação. Isto se chama orientar com liberdade.

Vocês confundem orientar com mandar. O pai e a mãe devem orientar os filhos, não mandar neles. Não serem os donos mas apenas orientadores. Esse é o primeiro detalhe nesse tema.

Segundo: devem evitar querer minimizar o estrago que pode acontecer ao longo da vida, querer facilitar as coisas para os filhos. Dourar a pílula ...

O filho precisa compreender que se puxar briga com alguém mais forte, vai apanhar. Se isso acontecer, ao invés de você sair correndo para defendê-lo, deve orientá-lo: *'viu, eu lhe disse, se puxar briga com um grandão, vai apanhar. Pois é, apanhou'*.

O que os pais devem fazer com os filhos é a orientação mostrando o que pode acontecer e deixar a criança viver o resultado daquilo que faz ao invés de você sair correndo para defendê-la. Se fizer isso ela nunca vai aprender. E no futuro, quando você não estiver mais aqui para defendê-la?

Você aprendeu caindo nos seus erros, mas não quer deixar os filhos errarem para aprenderem. Isso não os prepara para o futuro.

Portanto, orientar uma criança, impor limites, passa por orientar sem gerar conceitos de certo ou errado, sem exigir o cumprimento do que foi orientado e por deixar ela quebrar a cara, sem buscar defendê-la das reações às suas ações.

Bem, falei muito, mas não falei do trabalho da paz. Como viver em paz com a função de orientador de filhos? Vamos ver.

9. Orientando os filhos e mantendo a paz

Como disse, a função de pai e de mãe é orientar. Só que quando isso é feito com a ideia de que você sabe o certo, de que sabe o que é o melhor para o seu filho, esse trabalho de orientar acaba com a sua paz.

Porque isso acontece sempre? Porque se a função carmática do espírito que está vivendo pai e mãe é orientar o filho para formar um mundo mental nele, a função carmática do filho é enfrentar as verdades do pai.

Já reparou que toda juventude que aparece é sempre contrária a que acabou? O filho sempre enfrenta o pai querendo impor as suas verdades, os seus gostos, a sua forma de ser, não importa a época da história mundial. Isto é real, isso acontece, porque é uma função carmática. Aquele que trabalha pela sua paz sabe disso.

Por saber disso, aquele que trabalha pela paz orienta, assume a sua função carmática, mas não espera que o filho obedeça, que siga o que ele diz. Não fica na expectativa de por ter dito que o filho não deve ir por um determinado caminho, que ele não irá. Ele diz a si mesmo: *'cumprir meu papel carmático orientando, mas se meu filho vai seguir ou não, não sei. Se não seguir, sei que cumprir o meu papel carmático'*

Esse é o trabalho dos guerreiros da paz: ele sabe o que é cada função dentro da vida humana, quando se leva em consideração a vida como uma provação. Por isso, elimina as zonas de atrito. Para isso, liberta-se de verdade dos desejos, paixões e posses, do egoísmo, de tudo que o faz entrar em atrito com os outros

Esse é o trabalho do guerreiros da paz enquanto exercendo a função de orientador. Ele sabe que cumpre um papel carmático, por isso vive sem receio. Se ocupa, ao fazer, em não criar o certo, o bonito, o feio, nem o limpo. Os valores duais.

Ocupa-se em projetar possíveis acontecimentos para o que o outro faz, mas ao mesmo tempo não se prende ao fato daquele que é orientado ter que atender àquilo que ele quer que seja feito. Vive assim porque sabe que a função carmática do orientado é enfrentá-lo.

10. Orientação e experimentação

Participante: essa orientação direta aos pais é até que idade dos filhos? E se o filho teimar?

Enquanto for seu filho.

Como é que vou estabelecer idade, se às vezes existe um burro velho dentro de casa, mas você se acha mãe?

Não adianta falar de idade: enquanto estiver vivendo o papel de mãe, pode orientá-lo. Agora, esperar que ele, não importa se é uma criança ou um homem, vá dizer *“minha mamãe é espetacular”, ‘como você é boazinha’, ‘tudo que você falou é a coisa certa’, ‘eu vou seguir seus conselhos’,* é expor-se ao sofrimento.

Quanto ao teimar, se seu filho fizer isso, está fazendo a sua função carmática. Você precisa se libertar daquilo que lhe faz sofrer, ou seja, da ideia que ele tinha que fazer o que você quer.

Participante: orientar e dar liberdade ao mesmo tempo?

Isso. Orientar e dar a liberdade. O imprescindível é dar o resultado e deixar acontecer sem minimizá-lo. Se fizer isso, vem um outro grande problema.

Lembro de uma pessoa que me disse que o filho não queria arrumar a cama. Respondi que se isso acontecia, ela devia desmontar a cama e colocá-lo para dormir no chão. Se ele questionasse, devia dizer que cama foi feita para ser arrumada. Como não quer fazer isso, fica sem. Diante desse conselho, a pessoa me disse: *“Ah! Eu vou colocar o meu filhinho no chão?!”*. Essa pessoa optou por sofrer porque não quer orientar o filho, mas impor que ele o que ela quer.

A orientação deve ser conjugada com a experimentação do resultado. Na hora que as costas começar a doer por dormir no chão, seu filho vai dizer para montar a cama que ele arruma.

Então sim, é uma liberdade, mas com responsabilidade. Saber que ser livre tem um preço. O preço da liberdade é a consequência da ação praticada.

11. Aceitação dos diferentes

Participante: eu mais ou menos já sabia da resposta. Sempre tentei entender a situação de meus pais de serem tão limitados espiritualmente e por isso tive muitas dificuldades em ser filho e com isso eles nunca conseguiram me aceitar e ao mesmo tempo perceber que sempre tive do lado deles e não ao contrário.

Você vê diferença, logo não pode haver aceitação. Vou tentar explicar isso.

Vocês acham que a aceitação de alguém, por qualquer motivo passa por uma postura simplesmente de deixar ele ser o que é, ou seja, aceitar alguém que seja viciado ou, como no caso de seus pais, que não tem busca espiritual é saber que são assim e dar o direito de serem como são. Mas, essa aceitação ainda gera diferenças entre vocês e com isso a paz e a harmonia acabam.

Você acha que é mais espiritualizado que eles. Porque acha isso de si? Porque busca o espiritual e eles não. Agora, faço uma pergunta: se eles são espíritos que estão vivendo um personagem que possui uma razão gerada de acordo com a prova que você precisa, será que não nasceram do jeito que são por sua causa? Será que são espíritos inferiores aceitando uma vivência específica para lhe dar sua prova?

Será que não são espíritos extremamente elevados que por sua condição puderam aceitar a missão de não seguir a espiritualização para que você tivesse a sua prova? Não estou afirmando que isto seja uma verdade. Estou lhe colocando uma possibilidade de verdade para que você pense.

Outro detalhe: porque você acha que é mais elevado que eles? Apenas porque busca e eles não? Isso é uma falácia, um engano.

A aceitação não passa por dar ao outro o direito de ser, estar e fazer o que quiser apenas, mas também em não ver diferenças entre vocês. Não é não ver diferenças dentro da razão, mas não saber que há diferenças. Quando você aceita do modo que está

aceitando (eu sei isso, eu sei aquilo) a razão que os distancia, quem está se afastando de Deus é você e não eles.

Sei que estou falando algo meio complexo, mas é algo que precisam pensar. As aparentes diferenças entre vocês, seres humanos, está na razão e não no espírito. Quando elas são tidas como uma verdade universal, como algo líquido e certo, acabam levando o ser a se perder.

É a mesma coisa referente ao perdão. Vocês acham que perdoar é não castigar, quando é nem ver erros.

Este é o trabalho que precisa ser feito. Não a aceitação do jeito que eles são achando-se diferente deles, a aceitação do jeito que são, sem sentir-se diferente, melhor ou pior. Compreender que a diferença está apenas na razão e, portanto, é apenas prova sua e não verdades, realidades.

A mente humana cria rótulos para as pessoas e você que está subordinado a ela acha que esses têm a ver com o mundo espiritual. O rótulo é apenas elemento de missão. Por isso, nada tem a ver com o espírito em si.

Portanto, esse é o trabalho e não a aceitação de que eles não querem e que você quer e que por isso há uma diferença entre vocês. Trata-se de trabalhar a aceitação de que eles têm o direito de ser o que quiserem, sem que por isso sejam mais ou menos do que outro. Trabalhar no sentido de compreender que a aparente diferença não classifica os espíritos, mas apenas os liga no mesmo carma. Eles como agente; você como receptor.

Participante: colocar a possibilidade de que isso é verdade é admitir que possa existir de fato ou é só uma forma de confundir a mente?

Não entendi.

Não disse que a mente coloca a possibilidade de existir. Disse que ela afirma que existe e que você deve negar essa existência.

O trabalho de busca da paz, nesse ou em qualquer outro caso onde haja a ideia de ser melhor ou pior que alguém espiritualmente falando, é de negação da existência da diferença. Para isso é preciso entender que qualquer coisa que para você exista é uma

criação mental e não uma existência real. É um instrumento de prova e não uma verdade.

Negar a existência de qualquer coisa que a razão acredita que exista. Negar não no sentido de que não existe, mas no “**não sei se existe**”. Esse é o seu trabalho.

Participante: tenho vivenciado isso muito com minha família e quando você acha que está no caminho, cai novamente na armadilha de achar que eles têm que fazer as coisas do jeito que você acha que tem que ser feito.

Porque aceitou a diferença. Aceitou que são diferentes. Isso vale para qualquer coisa. Não importa qual seja a diferença.

Na pergunta anterior a pessoa disse que busca mais o lado espiritual e os pais não. Vamos dizer que fosse o contrário, que os pais buscassem mais e ele não. Da mesma forma que agora se acha espiritualizado e por isso é melhor, se fosse o contrário, iria continuar achando que seria melhor. É preciso entender isso.

Quando você deixa a mente criar diferenças e as aceita, não importa qual seja o assunto ou opinião ou, ainda, a ação de cada um, a mente vai sempre trabalhar a diferença como sinal de que você é melhor. Jamais ela irá dizer que é pior. Só fará isso, se for o pior é o que ela quer que você acredite.

Por estar presa a ela, você vai aceitar o que é afirmado e por isso vai cair quando ela lançar a hipótese de que os outros tem que fazer o que quer: ‘*claro que tem, afinal você é o melhor, ele tem que copiar o seu exemplo*’.

Participante: como podemos deixar de sentir as coisas como diferentes?

Negando o valor criado pela mente que gera as diferenças. É usar o exemplo que dei: seus pais podem ser espíritos mais elevados que vieram em missão para ter esse tipo de personalidade e com isso servirem de prova para você.

Abrindo as possibilidades da realidade com essa possibilidade, você não acredita que busca mais o espiritual do que eles. Acredita que eles não buscaram porque aceitaram viver com uma razão contrária à sua natureza espiritual apenas para lhe servir.

Com isso não acredita mais que é diferente deles, o que torna a convivência difícil.

Volto a repetir: isso é uma possibilidade, uma hipótese que levantei. Não é para acreditar nessa informação como verdadeira. É apenas a proposta de um argumento para quando a mente disser que vocês são diferentes. É apenas alguma coisa que pode lhe ajudar a dizer à razão: *‘não sei se sou mais espiritualizado que eles ou não’*.

No entanto, não pense que só isso dá resultado. A mente vai insistir: *‘você ouviu Joaquim, enquanto eles não procuram nada’*. Responda a ela: *‘e daí? Ouvir Joaquim não é sinal de elevação espiritual’*. Aliás, frequentar centro espírita, umbanda, igreja ou templo evangélico também não é sinal. É carma, prova.

É preciso destruir a ideia que a mente cria que gera a diferença. Destruir no sentido de não dar a ela a força de verdade.

Digo mais: o que estou dizendo não vale só para esse caso. Vale para qualquer coisa nessa vida.

Sabe como pode deixar de se achar feio? Destruindo o padrão de beleza que existe dentro de você. Acabando com as diferenças entre você e aquele que acha bonito. Quando a diferença de padrões de beleza são destruídas, todos são bonitos e feios. Cada um com uma beleza e uma feiura diferente, mas todos iguais.

Portanto, o trabalho é sempre no sentido, de se libertar da razão que cria as diferenças entre as pessoas e coisas. No seu caso usei um exemplo para lhe dar uma arma, mas cada um dentro do seu dia a dia, das suas provas, deve gerar valores para poder questionar o que a mente cria. Isso traz paz.

12. Falando sobre orientar filhos

Participante: temos que desapegar dos sentimentos que nos afligem?

Não, têm que desapegar da origem do sofrimento, da emoção.

Emoção, como já disse, é uma razão. Você sofre, tem raiva, se sente humilhada, porque alguém lhe fez mal ou falou de você. O que os outros fizeram é a razão pela qual você sente a emoção sofredora.

Então, precisa se libertar do achar que o outro está errado, que ele não devia falar ou que as coisas deviam ter ocorrido de outro jeito. Só libertando-se disso, pode aceitar o que ele fala. Quando consegue essa aceitação, não sofre.

Participante: gostaria de saber quando o filho sente que é bem diferente de seus pais moral e intelectualmente a ponto de achar que foi adotado e não biológico, claro que é biológico, mas me refiro a tamanha diferença entre pais e filho.

Acabei de dizer, pai e filho são funções carmáticas. Então você tem que entender que esta diferença entre vocês é o seu carma. É sua prova. Você precisa viver tudo isso sem achar que é melhor ou pior ou que deve fazer isso ou aquilo.

Esta diferença ou aparente diferença ou ainda esta diferença criada pela razão nada mais é do que os seus inimigos lhe atacando para ver se você perde a paz inclusive a ideia de que você foi adotado. Perder a paz é você querer mudar seus pais ou querer mudar de pais.

Participante: quanto ao tema pais e orientação aos filhos, o que me pareceu foi muita ênfase na ação, como devemos agir em um suposto livre arbítrio sobre a ação. Como atua a Causa Primária de tudo nessa relação?

Desculpa, não dei ênfase na ação. A única hora que falei em atos foi no tirar a cama, mas isso foi um exemplo prático.

Não dei ênfase na ação. O que falei foi: orientar sem colocar certo e errado. Isso é trabalho mental, junto à mente. É o não aceitar o certo e o errado. Quando abordei a questão de orientar sem esperar que eles façam, falei em trabalhar a expectativa que a mente cria e não os fatos físicos.

Claro que tenho que falar da orientação que o pai ou mãe dão. Só que você acha que estou me referindo a isso fisicamente, mas isso não é real. Estou me referindo a postura interna, enquanto a boca orienta.

O problema é que não tenho como falar sem usar atos. Só que quando falo de um ato, não me prendo à ação. Por exemplo, digo que você pode orientar seu filho, mas não digo com quais palavras e em que sentido. O que busco sempre é chamar a atenção para seu mundo interno. É nele que precisa trabalhar

O problema não é o que orienta ou as palavras que usa. O problema é acreditar que precisa orientar para que seu filho faça o certo, para que faça o que você quer que seja feito.

Essa questão que você levantou é muito importante. A mente de vocês traduz que estou falando em atos, mas na verdade não estou.

Participante: tenho uma filha de dois anos que possui uma personalidade bem diferente da minha. Ela oscila entre ser agressiva e ser afetuosa, além de ser extremamente traquina. Tento entender a perfeição nisso, pois gera as minhas provas e gerará as dela, mas ainda tendo a me cobrar ações que a modifiquem. Que façam que ela ser menos possessiva com suas coisas e agressiva com os outros. Quase sempre deixo de ligar para isso, aceito como ela é e entendo que o futuro será perfeito para as provações que ela precisará. Aí a mente cobra que estou negligenciando a minha função de mãe.

A mente sempre vai usar argumentos humanos para lhe cobrar subordinação às coisas humanas. Este é um trabalho constante que tem que fazer.

Participante: se enfatizarmos muito o que precisa ser feito, acabamos sendo ditadores. O caminho seria o equilíbrio?

Não. O equilíbrio entre o que precisa ser e o não deve ser ainda contém o precisa ser e o não deve ser. Por isso não resolve.

Saiba de uma coisa: o equilíbrio, o ponto do meio, não é um ponto vazio. É um lugar onde as pontas coexistem com a mesma intensidade. O neutro não é vazio: ele contém o positivo e o negativo. Só que como as duas forças possuem a mesma

intensidade, uma anula a ação da outra. No entanto, as duas existem.

Então, o caminho não é o equilíbrio, mas a negação, a libertação daquilo como realidade, como verdade. Não o ponto do meio, mas simplesmente dizer: **não sei, pode ser pode não ser**. Só isso.

Alcançar a elevação espiritual pelo trato espiritual não é ter uma maneira de tratar é simplesmente aceitar o tratamento que acontece.

